



Ano 1 | # Zero | edição bimestral | nov e dez 2008

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Clássicos do jornalismo: teutos e ianques

Frederico de Mello Brandão Tavares¹

BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. V. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008. 191 p.

No primeiro volume de *A Era Glacial do Jornalismo*², estão presentes textos de três pensadores alemães (Max Weber, Ferdinand Tönnies e Otto Groth) acompanhados de comentários críticos sobre suas obras. “São textos que destacam o interesse das ciências sociais no papel da imprensa e na opinião pública e a influência desta área na formulação de uma área autônoma de estudos sobre o jornalismo, a *Zeitungswissenschaft*”³.

Em *A Era Glacial do Jornalismo – Volume 2*, os três autores em destaque são os norte-americanos Robert E. Park, Edward Ross e Walter Lippmann⁴. Neste segundo volume da coletânea, fala-se também da “explosão” do jornalismo na sociedade ocidental, mas centra-se no contexto estadunidense e na presença dos grandes jornais no cotidiano social e político das metrópoles. São artigos – inéditos em língua portuguesa⁵ – que,

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde integra o Grupo de Pesquisa “Estudos em Jornalismo” (UNISINOS/CNPq). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br.

² MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Orgs.). *A era glacial do jornalismo – teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre os jornais*. Porto Alegre: Sulina, 2006. 310 p.

³ Ver: TAVARES, Frederico de Mello Brandão. “Paradigmas e atualidades no passado da teoria jornalística”. In: *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol. IV, nº 1. 1º Semestre de 2007. Florianópolis: UFSC-PósJor, 2007. p. 188 – 190.

⁴ Segundo Christa Berger e Beatriz Marocco, organizadoras do livro, poderíamos apresentar tais autores como “representantes de uma produção teórica sólida voltada à constelação de problemas de uma sociedade em rápido processo de mudança, em que a industrialização, a urbanização e a migração eram forças sociais motoras do desenvolvimento cultural, político e econômico” (2008, p. 7)

⁵ Vale ressaltar a importância do livro ao permitir o acesso – e mesmo, para muitos, a apresentação – a estes autores e suas reflexões, decisivas para a “teoria jornalística”, mas ainda hoje pouco difundidas no Brasil, principalmente nos cursos de graduação em Jornalismo.

menos que pensar a constituição de um saber jornalístico propriamente dito, no sentido de uma ciência, focalizam, a partir de uma abordagem humanística, as engrenagens internas da empresa jornalística e como a mesma, no “fervilhar” do século XX, via-se sujeita e/ou envolta ao contexto que lhe cercava e do qual ela mesma fazia parte. Na esteira deste pensamento, emergem bons argumentos – válidos ainda hoje – sobre os contornos de uma instituição capitalista voltada para a produção de notícias, seus limites e fragilidades. Além disso, ganham destaque algumas noções como opinião pública, democracia, publicidade, indicando caminhos da metodologia adotada pelos autores, bem como permitindo observar o lugar de reflexão dos mesmos.

A primeira parte do livro reúne três importantes textos de Park – “A história natural do jornal”, “A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento” e “Notícia e o poder da imprensa” – precedidos pelo comentário da professora espanhola Maria Rosa Berganza Conde. Em seu texto, “A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação”, a autora realiza um importante apanhado biográfico do autor, situando e explicando como os vários anos de Park dedicados ao jornalismo foram fundamentais para as reflexões marcadamente sociológicas que ele viria a realizar sobre a profissão. Além disso, Berganza Conde costura nessa rápida biografia uma série de aspectos que possibilitariam enquadrar o autor como um dos pioneiros na “sociologia da comunicação”. Na verdade, como relembra a autora, por estar muito associado à Escola de Chicago, os trabalhos de Park sobre a sociologia urbana e as relações interculturais acabaram, em muitos âmbitos acadêmicos, ofuscando suas reflexões sobre a comunicação e a produção noticiosa. No entanto, conclui, “a escassa atenção que os estudiosos de Park prestaram à comunicação e a imprensa dentro de sua teoria sociológica, não significa que constituam aspectos marginais para o autor” (BERGANZA CONDE, 2008, p. 32)⁶.

A segunda parte do livro traz um conjunto de artigos de Edward Alsworth Ross. São três textos: o comentário “Edward Ross: um diagnóstico precoce da imprensa

⁶ Um dos méritos do texto de Berganza Conde, que há anos vem se dedicando ao estudo da obra de Park, é conseguir aprofundar criticamente em alguns conceitos e temas-chaves para o autor, como, por exemplo, a perspectiva sobre a “notícia como forma de conhecimento”, sobre “a relação do jornal com a opinião pública e a função dos mesmos em processos políticos”, e sobre a ideia do jornal como “um organismo vivo presente em uma sociedade crescentemente urbanizada”. Tais noções, que se apresentam nos três textos do autor, deixam claro duas importantes contribuições de Park para os estudos do jornalismo e da própria comunicação: o cuidado com a questão empírica e a conseqüente produção teórica atrelada aos aspectos da vida social. Uma frase de Park sintetiza essa sua atenção sobre a realidade, no caso jornalística, e contextualiza suas reflexões/ percepções sobre o fenômeno: “Parece que a era é a era da notícia, e um dos mais importantes eventos na civilização americana é o surgimento do repórter” (p. 70).

capitalista”, do professor espanhol Esteban López-Escobar; e dois textos do próprio Ross – “A supressão das notícias importantes” e “Decadência social”. Nestes dois últimos, ganha destaque a inversão de valores e funções na sociedade norte-americana com o crescimento do capitalismo e das grandes cidades. Um cenário, segundo Ross, onde o jornal torna-se cada vez mais proeminente e a instituição jornalística, sua produtora, passa a sujeitar-se cada vez mais às exigências de grandes empresários e políticos, tornando-se refém de um processo que se constitui, por exemplo, na “supressão de notícias importantes” para o público e a publicação de outras cujo conteúdo estivesse voltado para interesses das chamadas “vacas sagradas” (empresas e homens de poder). Algo diretamente ligado à “decadência social” vivida e analisada pelo autor⁷.

A terceira e última parte do livro volta-se para a obra de Walter Lippmann e traz traduzidos alguns trechos do principal livro do autor, *Public Opinion*: “O público comprador”, “O leitor constante”, “A natureza da notícia” e “Notícia, verdade e uma conclusão”. No encadeamento dos textos, Lippmann aponta para a figura do leitor e para alguns aspectos que o colocam tanto na condição de um “comprador de notícias”, quanto na de “um consumidor constante” das mesmas. Tal reflexão tem como eixo o próprio funcionamento do jornal, sua relação com anunciantes, com pessoas públicas e as características de seus critérios e processos de seleção de conteúdo. Todos estes pensados, do ponto de vista da cobertura sobre a realidade⁸, como elementos na construção da credibilidade do veículo e no processo de fidelização do leitor.

Na busca pela verdade⁹, afirma o autor, os jornalistas devem adotar um conjunto de procedimentos. Os repórteres devem rechaçar a retórica da imparcialidade e ter uma idéia geral das coisas que passam no mundo, sabendo que fazem parte desse processo; e

⁷ Apesar de enxergar nessa atuação distorcida da imprensa diária um “duro golpe que faz a democracia cambalear” (p. 100), Ross ainda mostra-se otimista e aponta para algumas possíveis iniciativas nascidas no seio das comunidades – e não dos centros de poder – como um tipo de “rumo possível” para a imprensa no interior da sociedade. Tal proposta, apesar de datada, pode ser interessante para pensarmos, ainda hoje, alguns preceitos que devem envolver a formação do jornalista, bem como deve ser sua relação com o mercado, patrões e empregadores.

⁸ Uma das questões apontadas por Lippmann é sobre a “verdade jornalística” e o papel dessa na constituição de uma imprensa – seja ela capitalista ou anti-capitalista – que possa contribuir para um bom funcionamento da opinião pública e da democracia. Estes pontos são organizados e tensionados criticamente nos dois comentários sobre a obra de Lippmann, que antecedem, no livro, os textos do autor: “Utopias frágeis: imprensa livre e democracia, segundo Walter Lippmann” dos professores espanhóis Lluís Badia e Anna Clua e “Lippmann: jornalista ou filósofo?” de Jøelle Zask, professora da Universidade de Provence (França).

⁹ “A hipótese, que para mim parece mais fértil, é que a notícia e a verdade não são a mesma coisa e devem ser claramente diferenciadas. A função da notícia é sinalizar um evento, a função da verdade é trazer à luz fatos escondidos, coloca-los um em relação ao outro e fazer um quadro da realidade no qual os homens possam agir” (LIPPMANN, 2008, p. 179).

o editor deve identificar a procedência das notícias, controlando os sentidos que decorrem da sua organização na página do jornal. “Isso requer, segundo Lippmann, a regulamentação da profissão de jornalista” (BERGER, MAROCCO, 2008, p.11).

Em tempos de discussão sobre a validação do diploma de jornalista no Brasil, o pensamento de Lippmann é um bom pretexto para reflexão. Mais que isso, seja nos limites, seja nas contribuições dos três principais autores do livro, ficam expostos não só a atualidade do que os mesmos apontam, como também o vigor no qual devem ser pensados o jornalismo e a reflexão que se faz hoje sobre o mesmo. Algo que não nasceu ontem.